

Melanoma epidérmico em Gaivotão (*Larus dominicanus*) no litoral do estado do Paraná: primeiro relato de caso

SOARES, Renata¹; BRESCIANI, Juliana²; LIMA, Fábio Henrique³; ROSA, Liana⁴; DOMIT, Camila⁵.

¹Médica veterinária – Laboratório de Ecologia e Conservação – LEC, Universidade Federal do Paraná.

²Médica veterinária residente em Clínica Médica e Cirúrgica de Animais Selvagens – Universidade Federal do Paraná.

³Médico veterinário responsável técnico – Laboratório de Ecologia e Conservação – LEC, Universidade Federal do Paraná.

⁴Pesquisadora colaboradora - Laboratório de Ecologia e Conservação – LEC, Universidade Federal do Paraná.

⁵Bióloga/Professora UFPR - Laboratório de Ecologia e Conservação – LEC, Universidade Federal do Paraná.

Os melanomas são neoplasias malignas oriundas de melanócitos e podem originar-se de diversos órgãos. Possuem crescimento rápido e na maioria das vezes são pigmentados. É comumente relatado em mamíferos e menos frequentemente em aves. Das espécies de aves marinhas, existem relatos em pinguins e um relato em gaivota-da-asa-escura (*Larus fuscus*). Dessa forma, o objetivo deste trabalho é relatar o caso de melanoma diagnosticado em *Larus dominicanus* no litoral Paraná. Em agosto de 2023, um *L. dominicanus* foi atendido no centro de reabilitação de fauna marinha do estado do Paraná (CReD) com um tumor na região lateral direita do uropígio. A massa possuía formato irregular, coloração enegrecida, aderida à pele. Após estabilização do quadro geral, foi realizada a exérese tumoral cirúrgica. O tumor foi encaminhado para análise histopatológica. Após dois meses em reabilitação, o animal foi devolvido à natureza com a ferida totalmente cicatrizada, impermeabilização satisfatória das penas e com exames complementares dentro dos valores de referência, além de não haver nenhum sinal de recidiva do tumor no local da cirurgia e nem de metástase. A citologia foi compatível com melanoma de origem epitelial e o exame histopatológico confirmou o caso de melanoma, composto por células severamente pleomórficas e pouco diferenciadas, com elevado número de mitose. Assim como descrito em literatura, o tamanho do tumor é indicativo de malignidade da neoplasia. Na histopatologia, a presença de células com pleomorfismo e mitose auxiliaram na classificação da malignidade do tumor, e o relatado é semelhante aos melanomas encontrados em outros casos de animais marinhos. Apesar de ser uma doença considerada rara em aves marinhas, algumas interações antrópicas podem contribuir com o aparecimento de neoplasias malignas nessas espécies, tal como os poluentes (carcinógenos químicos) presentes na fauna e no oceano.

Palavras-chave: Ave marinha. Gaivota. Melanoma. Neoplasia.

Introdução

Os melanomas são neoplasias malignas oriundas de melanócitos e podem originar-se de diversos órgãos. Possuem crescimento rápido e na maioria das vezes são pigmentados. É comumente relatado em mamíferos e menos frequentemente em aves (Duncan, 2014; Sasani, 2019). Das espécies de aves marinhas, existem relatos em pinguins saltadores e um relato em

gaivota-da-asa-escura (*Larus fuscus*) (Costagliola, 2011). Nas aves é comum observar a sua ocorrência em regiões como pele, comissura do bico, olhos e nos casos de metástase em fígado e pulmão. A etiologia dessa neoplasia ainda é desconhecida para diversas espécies, mas seu surgimento tem sido associado a exposição a radiação solar, a carcinógenos químicos e patógenos virais (Duncan, 2014; Sasani, 2019).

Objetivos

O objetivo deste trabalho é relatar o caso de melanoma diagnosticado em *Larus dominicanus* no litoral Paraná.

Metodologia

Em agosto de 2023, um *L. dominicanus* foi atendido no centro de reabilitação de fauna marinha do estado do Paraná (CReD) com um tumor na região lateral direita do uropígio (Fig. 1). A massa possuía formato irregular, coloração enegrecida, aderida à pele, medindo cerca de 4x3 cm, além de apresentar-se ulcerada e com sangramento ativo.

Foi realizada citologia da lesão, hemograma completo, bioquímicos séricos e radiografia.

Após estabilização do quadro geral, foi realizada a exérese tumoral cirúrgica, com aplicação de protocolo anestésico com propofol (3 mg/kg IV) e midazolam (2 mg/kg IV) e botão anestésico com lidocaína local (1 mg/kg). Para a cirurgia, foi feita a incisão de pele peritumoral e dissecação romba da massa, retirado também uma margem acometida da glândula uropigial. O tumor foi encaminhado para análise histopatológica.

O pós-operatório foi realizado com cefalexina (100 mg/kg VO, duas vezes ao dia, por 14 dias), cloridrato de tramadol (3 mg/kg VO duas vezes ao dia por 3 dias), cetoprofeno (3 mg/kg, VO, uma vez ao dia, por 5 dias) e curativo da ferida cirúrgica com iodopolvidine duas vezes ao dia até cicatrização completa.

Figura 1. Melanoma em região lateral de glândula uropigiana em um gaivotão, *Larus dominicanus*, registrado no estado do Paraná.



Fonte: Laboratório de Ecologia e Conservação, 2023.

Resultados e discussão

O animal apresentava leucocitose com aumento de linfócitos e os demais exames sanguíneos dentro dos valores de referência da espécie (Serafini, 2014). A radiografia não demonstrou acometimento de tecidos mais profundos na região do tumor. Após dois meses em reabilitação, o animal foi devolvido à natureza com a ferida totalmente cicatrizada, impermeabilização satisfatória das penas e com exames complementares dentro dos valores de

referência, além de não haver nenhum sinal de recidiva do tumor no local da cirurgia e nem de metástase.

A citologia foi compatível com melanoma de origem epitelial e o exame histopatológico confirmou o caso de melanoma, composto por células severamente pleomórficas e pouco diferenciadas, com elevado número de mitose. Assim como descrito em literatura, o tamanho do tumor é indicativo de malignidade da neoplasia, e dificultam a recuperação do animal (Duncan, 2014).

Na histopatologia, a presença de células com pleomorfismo e mitose auxiliaram na classificação da malignidade do tumor, e o relatado é semelhante aos melanomas encontrados em outros casos de animais marinhos (Costagliola, 2011). O alto grau de malignidade piora o prognóstico a longo prazo, uma vez que é comum a recidiva do tumor no local da excisão ou metástase. Apesar de ser uma doença considerada rara em aves marinhas, algumas interações antrópicas podem contribuir com o aparecimento de neoplasias malignas nessas espécies, tal como os poluentes (carcinógenos químicos) presentes na fauna e no oceano (Duncan, 2014; Sasani, 2019).

Referências:

COSTAGLIOLA, Alessandro et al. Malignant Melanoma in a Seagull (*Larus fuscus*): Morphological and Immunohistochemical Approach. Summarized from Avian Diseases, v. 55, n. 1, p.147-150, 2011.

DUNCAN, Ann E. et al. Malignant melanoma in the penguin: Characterization of the clinical, histologic, and immunohistochemical features of malignant melanoma in 10 individuals from three species of penguin. Journal of Zoo and Wildlife Medicine, v. 45, n. 3, p. 534-549, 2014.

SASANI, Farhang et al. Malignant Melanoma in a Female Mallard Duck (*Anas platyrhynchos*). Iranian Journal of Veterinary Medicine, v. 13, n. 4, p. 438-443, 2019.

SERAFINI, P.P. & Lugarini, C. Capítulo 23 – Procellariiformes e outras Aves de Ambientes Marinhos (Albatroz, Petrel, Fragata, Atobá, Biguá e Gaivota). In Z.S. Cubas, J.C.R. Silva & J.L. Catão-Dias, Tratado de Animais Selvagens. 2a ed., Vol. 1, pp. 417 – 440. São Paulo, Brasil: Editora Roca, 2014.